

e esther tusquets

EM "BINGO!", A ROMANCISTA ESTHER TUSQUETS MERGULHA NAS NOITES LONGAS DO JOGO SOCIAL. "É UM DIVERTIMENTO", DIZ ELA. MAS TAMBÉM UMA REFLEXÃO SOBRE A DIFÍCIL ARTE DE ENVELHECER

ENTREVISTA DE JOSÉ MÁRIO SILVA

DE PASSAGEM por Lisboa, onde participou na apresentação da Minotauro (uma nova chancela das Edições 70 dedicada à literatura espanhola contemporânea), Esther Tusquets, 73 anos, falou-nos sobre "Bingo!", um romance breve em que aborda o tema da ludopatia, não deixando de evocar a sua experiência de quatro décadas à frente da editora Lumen.

❑ **A ação deste livro decorre quase inteiramente dentro de uma sala de bingo. O que é que a levou a escolher um pano de fundo tão pouco literário?**

❑ Não creio que seja pouco literário. Talvez seja é pouco elegante. As personagens do livro pertencem quase todas ao *lumpen*, às classes baixas. Como matéria-prima literária, são riquíssimas.

❑ **Desde que chegou a Lisboa, já foi a algum bingo?**

❑ Sim. Mas as pessoas pareceram-me muito normais. Estão ali para jogar e só falam disso. Em Espanha, os jogadores são muito mais excêntricos. Têm uma visão supersticiosa das coisas: queimam cartões para afastar a má sorte, culpam determinadas mesas, ou determinados funcionários, pelo seu azar... Em Lisboa, não vi nada disso, embora as pessoas também se surpreendam quando constatam que certos números não saem. Como se os números tivessem vontade própria.

❑ **É então esse microcosmo humano, unido pela crença irracional nos mecanismos do acaso, que a atrai no bingo?**

❑ Como romancista, o que me atrai são as pessoas. É o material com que trabalho. Neste livro, as pessoas são diferentes das que costumam aparecer nos meus outros romances. Gostei disso. "Bingo!" é um divertimento, talvez a mais otimista das minhas obras, com um final tão ostensivamente feliz que se vê logo que não pode ser real. Quis fazer uma história mágica e um pouco disparatada.

❑ **No seu livro, não há lições de moral, antes um grande respeito e uma certa ternura por estas personagens da noite, algo perdidas mas sempre dignas.**

❑ Exacto. Sinto uma ternura por elas que não sinto pelos burgueses acomodados.

❑ **Não sendo uma ludopata [uma viciada no jogo], pode dizer-se que conhece e compreende o impulso da ludopatia...**

❑ Conheço e compreendo, sim. Aliás, compreendo quase todas as debilidades e qua-

se todos os vícios humanos. Uma vez, a minha mãe disse-me que não praticasse, nem em pensamento, qualquer baixa. E eu fiquei horrorizada, porque me sabia capaz — por pensamento, palavra e obra — de todas as baixezas imagináveis. A única coisa que considero imperdoável é a crueldade.

❑ **Em "Bingo!", às mulheres têm nome [Rosa, Ana, Elisa], mas os homens não. Há o "matemático", o "filósofo da meia-noite", o protagonista, que ignoramos como se chama... Houve algum motivo para remeter os homens a esta espécie de anonimato?**

❑ Não sei... Isso acontece, de facto. Mas, por estranho que possa parecer, nunca me tinha apercebido. Eis mais uma prova de que o leitor consegue sempre descobrir coisas que escapam a quem escreve.



MARIA TERESA SLANZI

jogo da vida



mais informação em aeiou.escape.expresso.pt
actual@expresso.pt

■ **"Bingo!" é também uma reflexão sobre a velhice, sobre o processo de envelhecer...**

■ Sim, sim. Este é o começo do meu interesse literário pelo tema da velhice. As pessoas querem viver, viver, viver cada vez mais. E não sei bem para quê, porque a vida já é suficientemente grande, há tempo para fazer muita coisa. Por outro lado, a velhice é uma coisa sinistra.

■ **Sinistra?**

■ Sinistra, sim. Sabes que cada dia ficarás pior do que no dia anterior. E aos amigos, a partir de um certo momento, só os encontras nos funerais. É claro que também há coisas pelas quais vale a pena viver, mas não tenho vontade de ficar por cá até aos 100 anos. Parece-me uma ideia absurda.

■ **Disse ainda agora que, numa vida, há tempo para fazer muita coisa. No seu caso, permitiu-lhe ser uma editora durante quatro décadas e uma ficcionista tardia...**

■ É verdade. A Lumen foi uma coisa que me aconteceu por mero acaso. Nunca tinha pensado trabalhar no meio editorial. As minhas paixões eram a escrita e o teatro. Mas depois caiu-me a editora em cima, por circunstâncias familiares, e fui por aí.

■ **Quais são as melhores memórias que guarda dos tempos na Lumen?**

■ De início, nós não sabíamos nada do mundo editorial. Partimos do zero. E fomos aprendendo pouco a pouco. Mas ser editor é uma profissão muito perigosa.

■ **Porquê?**

■ Porque cria uma dependência estranha, uma espécie de vício. E depois é preciso estar atento aos golpes de sorte, para não os deixar escapar. A nós, aconteceu-nos duas vezes: com a Mafalda, do Quino, e com o Umberto Eco. Os dois chegaram de Carlos Barral, que não os quis. O Carlos era muito amigo do Eco, mas como tinha imensos livros para publicar naquele ano passou-nos o "Apocalípticos e Integrados", que funcionou logo muito bem. Quando mais tarde chegou "O Nome da Rosa", vendemos milhões de exemplares.

■ **Desfez-se da Lumen nos anos 90... Como é que vê hoje o mundo editorial?**

■ À distância. Muito à distância mesmo.

■ **Já experimentou os novos aparelhos que permitem ler os e-books?**

■ Para ser sincera, nem sei bem o que isso é. Mas não sou avessa à tecnologia. Se me trouxerem um, prometo experimentar.

O final do livro é tão feliz que se vê logo que não pode ser real. Quis fazer uma história mágica e um pouco disparatada

